

O discurso e a cidade – a propósito de um texto de Bento Prado Jr.

Alexandre de Oliveira Torres Carrasco

A revista *Fevereiro* toma a parte que lhe cabe de licença poética e filosófica, universalmente distribuída, e republica antigo texto de Bento Prado Jr. – originalmente publicado em *Revista da Biblioteca Mário de Andrade*, n. 50, de 1992.

A republicação faz as vezes de modesta homenagem, da parte da revista, a Bento Prado Jr. e à Biblioteca Mario de Andrade em sua reabertura – fechada para reforma e reaberta em 2010 (nada tão recente assim). Antes tarde do que nunca.

“A Biblioteca e os bares na década de 50” relembra e evoca um *lugar comum e sua formação* – nada mais distante aqui do *lugar comum* – um certo ambiente capaz de magnetizar a vida inteligente que passasse pela biblioteca pública e seu entorno, realizando o pequeno milagre de uma produzir uma convergência, para não dizer conversão.

Muito do que passou – não só recuperado pela memória de Bento, também pelo depositário espiritual de uma herança escassa, que é e foi a Biblioteca Mário de Andrade – já quase não se reconhece. Daí que seja imperativo lembrar, daí que é preciso cuidado para não se perder: entre a Biblioteca Mário de Andrade e seu entorno imediato, a praça Dom José Gaspar, ponto impreciso hoje de uma cidade que cresceu até perder sua escala, a mesma cidade – outra, porém – dava o seu mais inusitado suspiro, ainda sob o fundo do “noturno acre e aveludado do Macário”: educação não apenas pela noite mas também pela própria cidade.

E nada pior para localizar esse lugar, objeto e motivo da lembrança, que olhá-lo de fora, do mesmo lugar onde hoje se encontra: nem coordenadas geográficas, nem monumento turístico. Envolto por sua praça, ilha verde a lhe definir as fronteiras física e metafísica, a Biblioteca, ela também ilha, custaria igualmente a se reconhecer, não fosse o que a memória guarda, para além dos livros que diligentemente conserva. Passada tanta água ruim por baixo da ponte, hoje naufragos lá se encontram, sem se reconhecerem, cada qual buscando seu recado precioso em uma garrafa posta em

Revista Fevereiro

POLÍTICA ● TEORIA ● CULTURA

prateleira, conforme as mais variadas encadernações, manchas tipográficas e gramaturas.

O lugar que vê Bento Prado Jr. de seu posto de observação, rememoração e ruminação, o bar do antigo Hotel Eldorado, era, antes de ser lugar, um clima muito particular que envolvia uma cidade então familiar e a atração irresistível que todos os homens e mulheres de boa vontade sofriam diante de uma jovem Universidade que, pouco a pouco, se firmava, logo ali, na Maria Antônia. Um clima muito específico de liberdade de espírito, curiosidade, e imaginação matizado pelo Biblioteca e suas emanções mais próximas. Camões vaticinava, posto em pé, no jardim de entrada: em mares nunca dantes navegados.

Curioso é, para aqueles que já conheceram a Universidade na distância que a caracteriza hoje, nos cafundós da outra margem do Rio Pinheiros, imaginá-la em uma cidade feita segundo a medida idílica da distância de uma caminhada. Tudo ao alcance dos pés, e o mundo ao alcance do pensamento. A crueza selvagem e ultramoderna que hoje define essa cidade também se expressa pelas distâncias de deslocamento diário que se exige de um pobre cidadão comum. Não é só distância impensável, é distância que não deixa pensar. E pensar que contornando o impassível Dante do fundo da praça, seguindo a 7 de abril, Bento Freitas, praça Vila Nova, se chegava ao melhor dos mundos possíveis, que então havia, em termos paulistas, na Maria Antônia, a Universidade de São Paulo. Não parece apenas surpreendente para quem não viveu para lembrar. Parece impossível, para quem vive em um mundo que mal se deixa imaginar. Aquele mundo acabou, e a crise de hoje da Universidade de ontem, que não é aquela de sempre, mítica, não nos deixa enganar; pelo contrário, confirma-se pelo o que a cidade também se tornou.

Mas eis que, estrangeiro que sou, não me deixo surpreender pelo olhar distante e sigo desconfiado de um Camões de granito, enalhado diante da Xavier de Toledo: não tem mar em São Paulo. Daí o tanto de imponderável e improvável, hoje, para quem atravessa a praça e alcança a galeria Metrópole, em dia de semana: o outro tempo que se esconde na pátina encardida do presente não aparece com facilidade nem é pacífico acreditar que houve enfim uma cidade, exatamente aqui mesmo onde esta outra está, feita sob medida para pensar e repensar, ler e tresler.

Revista Fevereiro

POLÍTICA ● TEORIA ● CULTURA

Não sejamos assim tão dramáticos, enfim. Quem sobrevive ao susto e ao descaso da cidade, a frieza anônima e abstrata da universidade profissional, passado o tempo que tem que passar, reencontra esse outro tempo – presente. Não certamente aquele de uma *jeunesse dorée* cultuando a Minerva no saguão de entrada de nossa biblioteca pública (aviso aos navegantes: Minerva também se foi). Mas encontra.

Encontra, encarnando figura mais modesta, de leitor impertinente, aquela frase, que se bem lida, salva uma vida, perdida onde esteja – a vida e a frase: enciclopédia, romance do XIX, bula de remédio, receita de bolo ou suma de lógica. Tempo descobrir, na biblioteca circulante da Mário, por detrás da cidade, espelho que nada reflete, aquilo que uma biblioteca melhor guarda: *renascerão as cidades submersas? Os homens submersos voltarão?*

No Paribar, em domingo ensolarado, bicicleta estacionada, faço e refaço a memória de meus passeios à ilha. Lembrar é aprender. Com a palavra, Bento Prado Jr.